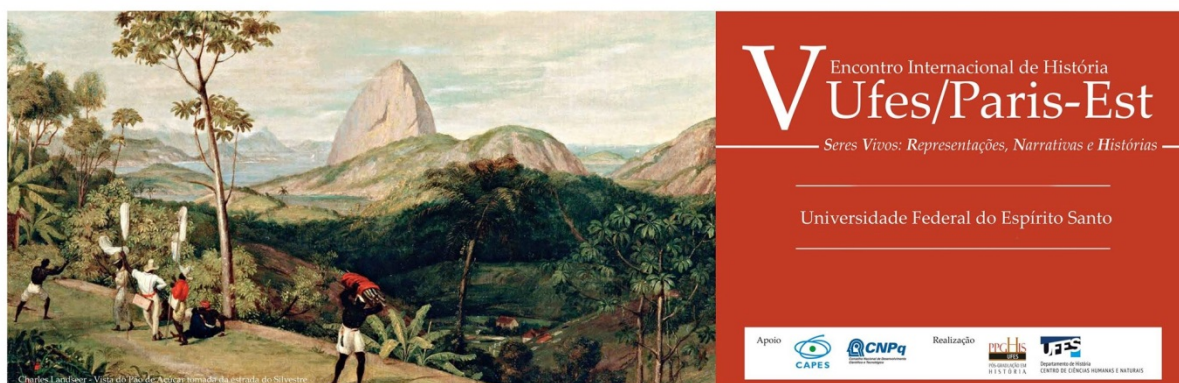




CORPO E CARNALIDADE NA PENÍNSULA IBÉRICA DO SÉCULO XIV: ENTRE A DISCIPLINARIZAÇÃO CATÓLICA E A SENSUALIDADE ISLÂMICA

Anny Barcelos Mazioli
Graduada em História – UFES

RESUMO: Este trabalho pretende apontar a interação de idéias antagônicas relacionadas ao corpo, existentes no baixo medievo ibérico, especificamente no século XIV. Pretendemos comparar as percepções diferenciadas do corpo, do sexo e do prazer em duas tradições: o Cristianismo e o Islamismo. Ao analisar a discurso eclesiástico acerca do corpo e da sexualidade, usar-se-á como objeto de pesquisa o “Livro das Confissões”, produzido em 1316, por Martin Pérez. Para examinar a medicina árabe e como a a religião islâmica permite que sejam produzidos discursos mais livres sobre o corpo, sobre o erotismo e a sexualidade será usado o “Speculum al joder” como obra de apoio. O “Speculum al joder” é um tratado médico escrito no mundo medieval editado e traduzido no Reino de Aragão no século XIV, com autor e local de escrita desconhecidos. A metodologia empregada na análise das fontes será a análise do discurso, a fim de depreender como as obras analisadas repetem e transmitem as visões vigentes na época dentro da Península Ibérica. Ao fim pretende-se fazer um balanço de como o processo civilizatório faz uso dos corpos e do sexo de maneira diferenciada nas duas concepções analisadas.

Palavras-chave: Corpo; Sexualidade; Prazer; Cristianismo; Islã.

ABSTRACT: Addressing the fourteenth century, this work proposes to highlight the interaction of antagonistic ideas related to the body, existing in the low Iberian medieval. We intend to compare the different perceptions of the body, sex and pleasure on two traditions: Christianity and Islam. By analyzing the ecclesiastical discourse about the body and sexuality, will be used as a research subject the "Book of Confessions," produced in 1316 by Martin Perez. In turn the "Speculum al joder" is used to express the Arab medicine and how the Islamic religion allows more free speech are produced on the body, on eroticism and sexuality. The "Speculum al

joder" is a medical treatise written in the edited medieval world, translated inside the Kingdom of Aragon in the fourteenth century, with authors and writing location unknown. The methodology used in the analysis of the works will be the analysis of discourse in order to infer how the analyzed works repeat and convey the views prevailing at the time in the Iberian Peninsula. At the end it is intended to take stock of how the civilizing process makes use of bodies and sex differently in the two analyzed conceptions.

Keywords: Body; Sexuality; Pleasure; Christianity; Islam.

Introdução

Este trabalho pretende apontar como uma coexistência de ideias antagônicas relacionadas ao corpo já se fazia presente no baixo-medieval. Para tanto, discutiremos o tratamento dado ao corpo e ao sexo dentro do catolicismo e da medicina árabe, comparando como a religião católica cerceia o deleite sexual e o Islamismo, por sua vez, abre espaço para o prazer, legitimado mesmo dentro do discurso religioso, o que vai transparecer nos escritos médicos.

Essa comparação visa manifestar como as sociedades procuram controlar os corpos e regular as práticas sexuais, de modo que determinem os comportamentos de seus integrantes. Determinar os comportamentos e práticas, legitimar ou proscurever ações se enquadram na tentativa sócio-cultural de opor-se ao estado de natureza, anterior à civilidade. Portanto, estar alienado ao domínio estrito do corpo, significa estar identificado ao “estado animalesco” anterior à civilização. É nesse contexto que as instituições sociais, bem como religiosas, se inserem, servindo aos ideais da cultura social.

Ao analisar a tentativa eclesiástica de inserção da culpa e da moralidade sobre os fiéis, usar-se-á como objeto de pesquisa o “Livro das Confissões”, produzido em 1316. Seu autor, Martin Pérez, era conhecido como um homem da Igreja, clérigo secular, provavelmente graduado na universidade de Salamanca. O “Livro das Confissões” é uma obra de consulta para os confessores, um tratado de moral e direito positivo.

Já a outra obra a ser abordada é o “Speculum al joder”, um tratado médico escrito no mundo medieval, editado e traduzido no Reino de Aragão, com autor e local de

escrita desconhecidos. O livro se denomina um tratado de receitas e conselhos sobre o coito e foi traduzido do árabe ao catalão no fim do século XIV. A obra é destinada ao sexo masculino e compreende, em sua primeira parte, uma série de conselhos terapêuticos, profiláticos e higiênicos para o cuidado com o órgão sexual masculino e para possibilitar a prática do sexo com saúde pelos homens.

As duas obras de época aqui descritas serão utilizadas para exercer a comparação entre as imposições clericais e a maior liberdade concedida ao gênero masculino para a obtenção do deleite. Utilizamos a análise do discurso como metodologia, com o objetivo de encontrar, nas obras, vestígios das ideologias às quais pertencem e como seus autores pretendem reforçar esses discursos.

A partir daí, a conclusão será feita de modo a apontar as semelhanças e divergências o entendimento relativo ao sexo no cristianismo e no islamismo, bem como os discursos expressados nas fontes utilizadas no capítulo anterior. É importante ressaltar que a fonte utilizada para abordar ao Islã é um tratado médico, e, portanto, têm-se maior dificuldade para estabelecer as consonâncias estritas com o pensamento religioso.

O ideal ascético cristão e a função disciplinarizadora da confissão

O modelo de oposição da carne ao espírito, que pesou tanto sobre o corpo na Idade Média, foi proposto primeiramente por Paulo em seus escritos, que colocam o corpo como templo do Espírito Santo. Para Paulo, esse cuidado com os excessos baseia-se no respeito ao corpo humano, o que assumirá outro caráter ao longo da Antiguidade Tardia e da Idade Média. Esse novo caráter foi primeiramente fruto das elaborações dos padres da Patrística que, talvez influenciados pelas escolas filosóficas pagãs, reinterpretaram os escritos de Paulo: dessa forma, o corpo passou a ser visto como um centro de produção do pecado, privado de qualquer dignidade.

Na visão do apóstolo, o casamento é apenas um remédio para a concupiscência. É de responsabilidade de Paulo também a formulação do conceito de débito conjugal, tão importante para as futuras prescrições cristãs sobre o casamento:

Penso que é bom para o homem que não toque em mulher. Entretanto, para evitar a impudícia, que cada um tenha a sua mulher e cada mulher tenha o seu marido. Que o marido dê a sua mulher o que lhe deve e que a mulher aja da mesma maneira com relação ao seu marido. (I Cor, 7, 1-3)

De acordo com Marilena Chauí (CHAUÍ, 1991, p. 97), Santo Agostinho propõe que, apesar da marca deixada pelo pecado original ser indelével, é preciso enevoá-la: para quem já conheceu o pecado da carne e as suas tentações, o casamento é um remédio: “[...] quem não tem força para obter a abstinência ou conseguir a continência, pelo menos procure a praia do matrimônio [...] e encontre o fim natural na geração de filhos”. Na posição de Agostinho ressoa o trecho de Paulo escrito acima, o casamento é uma forma de evitar pecados maiores, sendo assim o homem e a mulher, casados, não deverão permitir um ao outro que pequem, e, portanto, não devem se negar ao débito conjugal, mesmo que essa relação deva ter o mínimo de prazer o possível e, principalmente, objetivar a procriação.

Os monges do deserto, principais adeptos do ascetismo extremado, deveriam abster-se das relações carnavais, além de ter um equilíbrio relativo à alimentação, pois se acreditava que alimentar-se com fartura dificultaria o controle do corpo e dos desejos sexuais²⁴⁵ (FOUCAULT, 1987). Dessa forma, os monges enfrentavam uma guerra interna contra as tentações. Segundo Rubem Alves (ALVES, 1982), a rebelião contra a repressão “permanece inaudível, e só aflora em nossos lapsos e sonhos”. As fantasias sexuais funcionavam como sinais numa tela, dentro dos mosteiros, pois registravam processos situados nas profundezas do eu. Possuíam a atribuição de informar os monges da movimentação de forças, dentro deles, que ficavam além de sua consciência. Estar livre das fantasias sexuais significaria o fim dos impulsos ao egoísmo e ao ódio, além da conquista da pureza de coração.

A partir dessas formulações teológicas, muitos clérigos aconselhavam seus seguidores a reprimir o prazer físico, até mesmo no casamento. Gregório o Grande (590-604) fala da sujeira do prazer conjugal e do perigo de se transformar em fornicação, além disso, determina a condição de adúltero ao cônjuge que ama ardentemente a sua própria mulher²⁴⁶.

Para o clero medieval, a atividade sexual, mesmo que dentro do casamento, incapacitava as pessoas de participarem do culto divino: de acordo com James Avery Brundage (BRUNDAGE, 2001), a abstinência, tida como pureza ritual, era imposta aos casais para que deixassem sua vida sexual durante três quaresmas a

²⁴⁵ Esse modelo de paridade entre os atos de alimentar-se e os impulsos sexuais, vai se manter e culminar na formação da dupla de pecados capitais: gula e luxúria.

²⁴⁶ Encontramos essa mesma afirmação no Livro das Confissões de Martín Pérez.

cada ano (páscoa, natal e pentecostes). Muitos penitenciais também exigiam que os casais se abstivessem dos prazeres da carne em todos os dias de festa, além de ter que guardar três dias antes de receber a comunhão (BRUNDAGE, 2001). Jean-Louis Flandrin contabilizou os dias onde se era permitido ter relações sexuais em 91 a 93 dias por ano, sem contar as menstruações, gravidez e puerpério.

Jérôme Baschet também explicita: “[...] ninguém poderia, sob pena de graves riscos espirituais, receber a eucaristia sem estar previamente purificado de seus pecados. A obrigação da comunhão anual impõe, então, o dever de uma confissão igualmente anual” (BASCHET, 2006). Essas imposições sobre as relações carnis e a imposição da confissão como sacramento demonstram como a Igreja apostava no fenômeno da culpa para efetivar seu domínio sobre a vida do laicato.

De acordo com Jean Delumeau em *A confissão e o perdão*, os pecados sexuais eram os que mais atormentavam as consciências dos fiéis, chegavam a paralisá-los diante da confissão:

Os observadores de outrora assinalaram também que a vergonha, causa de tantos “tomentos” de consciência, se manifestavam sobretudo por ocasião dos pecados sexuais e paralisava em particular as mulheres. (DELUMEAU, 1991, p. 20)

A Igreja, por meio da confissão, acumula mais uma função na vida dos leigos: a de dispersora do perdão divino. De acordo com Jérôme Baschet, a confissão seria a “declaração libertadora” por meio do reforço do poder institucional da Igreja: “como preço do perdão que ela concede, a Igreja se atribui, graças à confissão, um temerário instrumento de controle dos comportamentos sociais e se imiscui no mais secreto das consciências individuais.” (BASCHET, 2006, p. 219)

Entretanto, o sistema de penitência já havia sido proposto por Santo Agostinho na Antiguidade tardia: a ideia é que todo o pecado deve ter reparação. O que vai sendo modificado ao longo dos séculos é a forma de cumprir essa “reparação do pecado”: a penitência deixou de ser um ritual público para ser o modelo de confissão auricular.

O IV Concílio de Latrão estabeleceu algumas mudanças que aprofundaram ainda mais o controle da vida do laicato pela figura da Igreja: a comunhão passou-se a ser obrigatória ao menos uma vez ao ano, essa medida foi acompanhada da proibição

de receber a eucaristia sem estar previamente purificado de seus pecados, o que resultou na obrigação de confessar uma vez ao ano (BASCHET, 2006, p. 217).

Segundo Jean Delumeau (DELUMEAU, 2003), ao tornar a confissão anual obrigatória, há uma generalização da coação que a confissão impõe, bem como Marilena Chauí (CHAUÍ, 1991) salienta que essa mudança na legislação canônica foi acompanhada de uma transformação no caráter e nas exigências da penitência:

A evolução dos procedimentos da confissão é espantosa. Numa primeira época o confessor indagava se o penitente cometera algum dos pecados listados por São Paulo e, no caso dos pecados sexuais, indagava se o penitente os praticara. Era, portanto, a *ação* que era julgada pecaminosa. [...] numa época seguinte o confessor passou a indagar ao penitente se, além de atos, também havia desejado praticá-los, ainda que não o tivesse feito. Agora o pecado também concerne às *intenções*. (CHAUÍ, 1991, p. 102)

Tal mudança no caráter da confissão advém do modelo sancionado pelo IV Concílio de Latrão: a confissão passou a ser uma declaração direta ao sacerdote dos pecados cometidos em ato, intenção ou pensamento. Cabe ao sacerdote conduzir essa declaração, no entanto, ao desempenhar essa função advém certas dificuldades: como conduzir esse exame de consciência? Como ter equidade para cobrar a confissão completa sem gerar embaraço no fiel e comprometer a confissão? Para tentar responder essas perguntas, sanar esses desafios, começa-se a produzir os chamados manuais de confissão, como o “Livro das Confissões” sobre o qual nos debruçamos.

Ao longo do tempo, a confissão tornou-se uma forma de controle social protagonizada pela Igreja, com o intuito de dominar cada vez mais as práticas dos leigos, por meio de seu discurso culpabilizante e moralizador.

A condenação ao prazer e à concupiscência carnal no “Livro das Confissões”

Sobre o pecado da “fornicação”, Pérez afirma: “o sexto mandamento é não farás fornicção, do ‘trespassamento’ deste ‘foy assaz dicto’ no pecado da luxúria.” (PÉREZ, 2012, p.198). Para o autor, aqueles que não guardarem o sexto mandamento e “fornicarem” cairão no pecado capital da Luxúria.

Pérez chama atenção dos clérigos e dos leigos para os escritos dos padres da patrística que apontam o que seria o pecado da fornicção, e dizem quando os

encontros sexuais feitos pelos casados se tornam pecado mortal: “São Jerônimo²⁴ diz assim: em sua mulher é fornicador, o que a ama com grande ardor” (2012, p. 432), pois para Jerônimo deve-se amar à sua mulher com o coração e não com o desejo carnal. Além da proibição de fazer reinar, dentro do casamento, a cobiça do deleite da carne: “São Jerônimo [...] diz que os deleites desordenados dos casados são desavergonhados e desonestos, diante Deus por *çugidade* e por luxúria estão na escritura de Deus nomeadas.” Ele continua ainda: “Que coisa pode ser mais suja, que amar a mulher legítima como outra secular.” (2012, p. 432). Martín Pérez traz também a posição de Agostinho dizendo: “Santo Agostinho diz quanto da achegança carnal desordenada, e todos os usos desordenados dos membros naturais são de Deus proibidos e por fornicção julgados.” (2012, p. 432)

O livro das Confissões traz duas visões sobre o matrimônio: “o matrimonio foi feito por duas coisas principais: por acrescentamento de linhagem e para se esquivar do pecado da fornicção” (2012, p. 409) Pérez cita Agostinho, que diz “sem ardor de pecado se ajuntam no ofício do santo casamento” (2012, p. 409), ou seja, o casamento é santo, por isso se torna um sacramento, é visto como um “ofício”, um serviço prestado a Deus, com a função de procriar e também de não deixar cair em luxúria/fornicação o cônjuge, servo de Deus.

De acordo com Martín Pérez, os “santos doutores” dizem que há quatro maneiras de se fazer o “ajuntamento” carnal dos casados: 1) às vezes por desejo de fruto; 2) às vezes por dar o débito ao outro; 3) às vezes por fraqueza da carne, que não se pode conter; 4) às vezes para “*hir trás*” a carne a toda sua luxúria cumprir (2012, p. 430/431). Para o penitencial o primeiro caso é sem pecado, ou seja, desde que se deseje a procriação, a relação sexual não se torna um pecado. O segundo “achegamento” é sem pecado, se é feito tão somente com a finalidade de pagar o débito da carne ao outro. Já a relação sexual por fraqueza da carne, o terceiro caso, é tido como pecado venial, pois é aberta a exceção “por medo de se fazer outro pecado maior ou pior (2012, p. 431)”. O quarto e último tipo de “ajuntamento da carne” é taxado de pecado mortal.

Martín Pérez explica ainda mais a diferença entre o pecado venial em ter relações por fraqueza da carne e o pecado mortal em “cumprir luxúria”. Para o clérigo há uma grande diferença ao procurar a mulher apenas por não conseguir deter seu corpo, e

procurar a relação sexual pelo deleite que ela pode lhe trazer, quase fazendo pouco caso dos mandamentos de Deus. O autor considera essa diferença tão importante que ensina aos confessores métodos para descobrir a qual dos dois tipos de “ajuntamento” o fiel se aplica, era preciso que o confessor soubesse se o pecado era mortal ou venial:

O primeiro sinal é o corrompimento das consciências [...] é quando os casados naquele ‘achegamento’ são tão saídos da razão e tão vencidos pela carne que ainda que não fossem marido e mulher, não deixariam de praticar o ato. E Pérez explicita ainda: “Este tal juízo podem os casados em si mesmos achar, se suas consciências bem quiserem ‘scoldrinhar’” (2012, p. 431).

Sobre o segundo sinal Martin Pérez diz que é o “departimento” de calor natural, havendo pequena ou nenhuma tentação, “pois é quando os casados aumentam o calor e o humor da luxúria ‘spertando’ a carne com suas mãos, ou com seus membros ou com ‘trebelhos’ ou com outros feios ‘affazimentos’” (2012, p. 431). Pérez aponta outras formas de alcançar o desejo sexual que denotariam a prática do sexo apenas para o deleite: beber ou comer artigos que aumentassem a luxúria. Ao longo do texto, percebe-se que o autor não só está dando conselhos para os clérigos conseguirem discernir quando estão lidando com um pecado venial ou com um pecado mortal, como também está indicando para possíveis leigos leitores do livro a possibilidade de realizar um exame de consciência, atendo-se não só às ações, como às suas intenções, pensamentos e falas.

O terceiro sinal, segundo o autor, concerne ao desordenamento dos membros de seu uso natural: o “ajuntamento dos casados” se torna um pecado mortal quando por deleite maior se “achegam” não como Deus ordenou, mas “[...] mudando a ordem e o uso natural da geração, por mudança na posição do barão e da fêmea, por ‘avessamento’ dos corpos, por ‘usamento’ contra natura dos membros, um com o outro [...]. (2012, p. 432)” É pecado mortal quando os casais, para obter maior prazer, mudam a ordem natural do sexo como as posições do homem e da mulher, pré-estabelecidas pela Igreja. Além disso, usar seus membros de forma que não permita a procriação se torna também um pecado, pois o natural do sexo é ter como fim a geração de descendência.

O quarto sinal é o “trespassamento” dos tempos proibidos: o tempo do fluxo de sangue natural, os dias de jejum que a Igreja estabeleceu, as festas grandes que são dias de oração e procissão, bem como os domingos (2012, p. 433). Quando os casados não guardam os tempos que são proibidos, para Pérez eles pecam em dois casos: contra os mandamentos; e dão sinal de que tem relações sexuais por cumprimento de luxúria, mais que por fraqueza da carne (2012, p. 432).

O quinto sinal que configura o intercurso sexual como um pecado mortal seria a violação de lugares sagrados: “o quinto sinal deste pecado se pode em os casados tomar parte do lugar, assim como acontece na igreja, ou em cemitério, ou em outro lugar sagrado (2012, p. 435).” Quando os casados não fazem reverência ao lugar sagrado é sinal que aquele “ajuntamento e seu prazer” os tirou da boa “ordenação”.

A partir do detalhamento desses “sinais” para a definição de pecado mortal, podemos perceber o quanto as proposições clericais, almejam controlar e cercear a sociedade, principalmente a vida dos casados, determinando o permitido e o proibido no que tange à sexualidade das pessoas. Sobre o sexo anal, Martin Pérez sanciona: “Se o marido houver ‘achegança’ a sua mulher por trás assim como besta, ‘jn vase tamen naturalj’ jejue cinco dias em pão e água (2012, p. 354).”

O ideal é a castidade, é viver em companhia do outro no casamento sem se deixar levar pelos impulsos sexuais, ou seja, pelos impulsos naturais do corpo. O casamento ideal é o josefita²⁴⁷.

Ao tratar do sono mostra-se também a crença na relação entre a gula e a luxúria: “quando esses sonhos de *çugidade* acontecem, se dá por muito comer ou por muito beber, que se retenham os clérigos do santo sacramento do altar.” (2012, p. 70) . Em outro trecho da fonte encontramos também as seguintes prescrições aos leigos: Quem beijou mulher com cobiça de pecado e fez polução, jejue um dia em pão e água [...] a pessoa que sonha em luxúria e se acha ‘ençuiado’ reze os sete salmos com Deus ‘jn adiutorium’ em cada salmo três vezes e jejue em outro dia a pão e água (2012, p. 353).

Pede-se não só a temperança como a racionalidade, bem como a proibição estrita

²⁴⁷ O casamento josefita é o nome dado ao casamento de José e Maria, que se mantiveram casados por toda vida em castidade.

do deleite sexual e a determinação de como, quando e onde são permitidas as relações sexuais. Ao longo da obra, nota-se cada vez mais as estratégias utilizadas pela Igreja para entrar nos quartos, nos corpos e nas mentes do laicato.

Podemos concluir então que a fonte Livro das Confissões está inserida no discurso moralizante católico e não só escolhe fazer parte dessa ideologia, como é fruto dela, são os escritos dos padres da patrística que lhe conferem sentido, lhe dão razão de ser, assim como a existência de leigos e clérigos que apresentam interesse nas doutrinas que Martin Pérez se propõe a propagar e divulgar de forma simples e acessível, em língua vernácula, para a Península Ibérica do século XIV.

O sexo no Islamismo: uma autorização do prazer

Segundo Mariane Venchi, antes da ascensão do Islã nos territórios árabes, as mulheres é que exerciam o controle social dentro dos clãs beduínos, e cabia à elas exercer a atração sexual sobre os homens, pois era proibido que eles tomassem a iniciativa:

Nos acampamentos, as mulheres dançavam para seduzir os homens, aprimorando os estilos musicais que desembocariam na *raqsa*, ou “dança do ventre”, composições de música e corpo empregados pelas beduínas como *estratégia de sedução* na disputa para “capturar” noivos disponíveis e estabelecer alianças, adquirindo aliados ou fazendo inimigos com os chefes rivais (2012, p. 297)

De acordo com Venchi, a “sensualidade e a permissividade eram comuns em muitos clãs, já que cada tribo tinha suas próprias regras de aliança e códigos de decoro” (2012, p. 297). Além disso, a autora explicita ainda que o “tema da sexualidade parecia assunto cotidiano, pois era discutido no tocante ao aprimoramento das raças de cavalos”, por isso os árabes são importantes conhecedores das práticas de cruzamento, visto que há muito tempo os beduínos vem se debruçando sobre elas.

Na cidade de Meca, era “corriqueiro as mulheres se oferecerem aos peregrinos [...] no templo da Pedra Preta e em suas redondezas” (2012, p. 292), o que mostra como a religião pré-islâmica convivia com a sexualidade de forma natural. Outro ponto importante trazido por Venchi, é a adoração de um casal numa região de montanhas, adjacentes à Caaba, o que, segundo a autora, indica “uma possível correlação de noções como *amor religioso, sexualidade e misticismo*” (2012, p. 293).

Assim quando há ascensão do Islã dentro do território árabe, a ideia de erotismo não se opõe à religião: o corpo possui alma e este não se opõe a ela, não há um dualismo entre eles, o que configura um ponto divergente entre a religião muçulmana e o cristianismo:

Em momento algum, nega-se a existência do corpo ou se reduz o ser humano à alma, como pretenderam muitos cristãos e judeus. A existência de pressupostos que colocavam corpo e alma lado a lado foi fundamental para que os árabe-muçulmanos pudessem falar de um corpo desatrelado de justificativas. [...] Nessa linha, se fosse possível teorizar sobre o bem-estar da comunidade árabe-islâmica clássica, tal bem-estar certamente partiria do corpo. (SOARES, 2009, p. 31)

De acordo com Marina Juliana de Oliveira Soares, o seguidor do Islã se depara com um forte sentido corporal, pois o corpo e a alma são unos, o asseio do corpo reflete o asseio da alma. Deve-se, portanto “fazer as abluções diárias, ao encostar a cabeça no chão [...] ao buscar satisfação no seu corpo, ao harmonizar seu corpo com a alma” (2009, p. 18), assim como é dito por Abdelwahab Bouhdiba quando menciona as purificações:

O Islã é uma atenção constante devotada a seu próprio corpo. A educação muçulmana é um adestramento que o torna atento de maneira permanente ao funcionamento da vida vegetativa. Beber, comer, urinar, peidar, defecar, copular, vomitar, sangrar, barbear-se, cortar as unhas... tudo isso é objeto de prescrições minuciosas. (2006, p. 78)

Segundo Célia Daniele Moreira de Souza, as relações estabelecidas durante a vida, assim como as atividades prazerosas são apenas um reflexo “embaçado” daquilo que se terá na eternidade (2010, p. 2). Sob a visão do muçulmano, a sexualidade não se circunscreve a ser uma atividade do corpo, ela transcende a materialidade, está atrelada à alma: o ato sexual não é apenas uma atividade terrena, mas uma promessa, feita por Alá, para o paraíso (SOUZA, 2010). Mariane Venchi corrobora tais afirmações quando cita que:

[...] o prazer sexual está garantido no Paraíso do apóstolo de Deus. Em meio a promessas hedonistas além da imaginação humana, os homens terão a prerrogativa *post mortem* de ejacular por toda a Eternidade em 72 virgens no Paraíso, as “hur” ou “hur” - cujos hímens seriam milagrosamente restaurados a cada nova cópula - mencionadas e descritas no mínimo em cinco versículos do Corão. [...] Em um dos versos, são de fato descritas como “recompensa pela conduta do fiel” (56:22, 23). (VENCHI, 2012, p. 301/302)

Abdelwahab Bouhdiba traz também que as delícias do paraíso são igualmente carnavais, assim como podemos ver na citação acima. Outra consonância entre

Bouhdiba e Mariane Venchi são as chamadas húrís, supostas esposas prometidas a todos aqueles que observarem o jejum durante todo o mês do Ramadã:

Cada húrî se veste com setenta véus. Cada homem dispõe de setenta alcovas [...]. Em cada alcova dispõe-se de setenta camas, em cada cama uma mulher que aguarda o Eleito. [...] O apetite é multiplicado por cem. [...] A potência do homem é igualmente multiplicada várias vezes. Faz-se amor como antes se fazia na terra, mas cada gozo prolonga-se, prolonga-se e dura oitenta anos... (BOUHDIBA, 2006, p. 80/81)

Dessa forma, o gozo não se restringiria ao paraíso, estaria acoplado às vivências cotidianas do islâmico ao longo de sua vida. Abdelwahab Bouhdiba explicita que de modo algum o Islã procura depreciar o sexual, ele lhe confere, pelo contrário: “um sentido grandioso e dá-lhe tamanha investidura transcendental que a sexualidade não se vê penalizada (2006, p. 8)”. Para o autor, a existência islâmica “se fará [...] da alternância e da complementaridade da evocação do verbo divino e do exercício do amor físico (2006, p. 8)”, assim o diálogo com a divindade e o diálogo entre os sexos fazem parte do cotidiano. A prerrogativa de viver sua sexualidade cotidianamente é dada ao muçulmano, segundo Célia Daniele Moreira de Souza, no trecho do Alcorão (assim como há na Bíblia) onde está descrita a expulsão de Adão e Eva do paraíso. Trecho no qual Alá os envia à terra para que tenham “residência e gozo transitórios”. Marina Soares está em consonância com Souza quando explicita que: “o próprio castigo atribuído a Adão e Eva é sintomático do reconhecimento da corporeidade. ‘Allâh disse: Descei, sendo inimigos uns dos outros. *E tereis, na terra, residência e gozo até certo tempo*’” (SOARES, 2009, p. 17).

O gozo ao qual se refere o trecho do Alcorão provavelmente é mais do que apenas o deleite sexual, no entanto, pode-se dizer que o prazer do corpo será considerado e permitido, pois admite-se aí um corpo sexuado, ao qual permite-se a busca do gozo. A partir daí surge a necessidade de abordar o tema da sexualidade socialmente, bem como argumenta Bouhdiba:

Podemos apreender como, de maneira viva, o sexual se coloca a serviço do social e como este serve àquele. A sociedade muçulmana explora em proveito próprio os ímpetos do mistério sexual e os integra a comportamentos normais e estereotipados. O que poderia tornar-se força inconsciente e ruína para a sociedade e para os indivíduos transmuta-se em ritual e em mitos, cristaliza-se e perde, no fundo, todas as suas características mórbidas estranhas e reputadas perigosas. (2006, p. 80/81)

Para Marina Juliana Soares, “é pouco provável que alguma sociedade tenha suscitado mais reflexões sobre a sexualidade humana que a árabe-islâmica, entre

os séculos IX e XVI” (2009, p.11). Segundo a autora, não se pode pensar a sexualidade e o erotismo na sociedade islamizada sob o mesmo molde que em outras religiões: “proibição” e “tolerância”, não são palavras que permeiam o discurso sexual islâmico, em dissonância com o Cristianismo. Atribuir-se-á essa diferença de discursos, à fundamentação da possibilidade do gozo sexual, dentro do Islamismo (2009, p. 42).

De acordo com Boudihba, o prolongamento da vida, a felicidade e o apaziguamento das tensões estão atrelados à satisfação e a um gozo **legítimo**: “a visão islâmica do mundo desculpabiliza os sexos, mas faz isso para torná-los disponíveis, um para o outro, para realizar um ‘diálogo dos sexos’ no respeito mútuo e na alegria de viver (2006, p. 48).” Entretanto, deve se tomar cuidado para não gerar um juízo de valor errôneo sobre a sociedade islamizada. Mesmo que o homem islâmico pratique o sexo como uma “benção” concedida por Alá e dê lugar para o deleite em sua religião, não se deve imaginar os islâmicos com uma sexualidade “à flor da pele” (SOUZA, 2010, p. 9).

Dentro dessa lógica que dá lugar para o deleite foi produzido o livro “Speculum al joder”. Por ter sido escrito em língua árabe, interpreta-se que foi gerado por algum autor influenciado, não só pela medicina árabe, como também pela religião islâmica, dando lugar ao prazer de homens e mulheres: o que no discurso cristão, condenatório ao prazer, isso seria impensável.

O “Speculum al Joder”

O Speculum al joder traz, em sua primeira parte, os danos ocasionados ao corpo por ter muitas relações sexuais: “Digo que usar muito das relações sexuais mata o calor natural, acende o calor accidental e enfraquece todos os membros e obras naturais. [...] falha por isso a força, se entristece a pessoa, se fazem pesados seus movimentos [...]” (2000, p. 17).

Há uma relação saudável com o sexo, tratado como parte natural da vida humana: aceita-se que o ato sexual possa debilitar, mas apresenta-se formas de contornar os males advindos do sexo. Esses meios de recuperar o bem-estar passam pela indicação de métodos fáceis e naturais, com atenção para o papel da alimentação no equilíbrio dos humores.

Não só encontramos conselhos para sanar as afecções advindas do sexo, como receitas para que o corpo adquira plenas condições físicas de desempenhar sua função sexual e de possibilitar o maior deleite possível: “Quando lhe falte a força de tal modo que não possa ter relações sexuais, trate-o com comidas fáceis de digerir, como carne de pássaros temperada com vinho ‘oliente’ ou com vinho de passas, com mel velho²⁴⁸ (2000, p. 20)” Seguindo esses conselhos para alcançar as plenas condições de se relacionar sexualmente, encontra-se descrito na fonte histórica maneiras de aumentar o sêmen e “endurecer” o membro:

Remédio muito provado que aumenta o sêmen, dá força e endurece o pênis muito e fortemente: toma dois litros de leite fresco e uma onça e meia de canela bem moída, e deixá-lo repousar. Bebe-o em jejum e durante o dia em vez de água, até que se acabe.²⁴⁹ (ANONIMUS, 2000, p. 39)

Além de indicar maneiras de aumentar o volume de sêmen e “endurecer” o membro, há também no livro algumas receitas para aumentar o próprio órgão genital masculino:

Para fazer crescer o pênis; busque minhocas, das que existem nas hortas, debaixo da terra; pegue-as, seca-as, esmaga-as e misture-as com azeite de 'azufaifo'. Unte com isso o pênis, esfrega-o bem e deixa-o assim durante a noite; no dia seguinte lava-te com água tibia²⁵⁰ (ANONIMUS, 2000, p. 45)

A partir da teoria dos humores, o livro contra-indica o sexo para certo tipo de pessoas ou prescreve a prática em excesso para outros, baseado no discurso médico e natural. Dessa forma, é o conhecimento que se julga ter do corpo e seus tipos de compleições²⁵¹ que vai determinar quem deve ou não exercer intensamente a sua sexualidade.

No decorrer do texto o autor continua a indicar que os homens, cuja compleição é

²⁴⁸ Cuando Le falle La fuerza, de tal manera que no pueda joder, socórrele con comidas fáciles de digerir, como carne de pájaros adobada con vino oliente, o con vino de pasas, con miel vieja.

²⁴⁹ Medicina muy probada que aumenta el semen, da fuerza y endereza la verga mucho y fuertemente: toma dos litros de leche fresco y una onza e media de canela bien molida, y dejálo reposar. Bébelo en ayunas y durante el día envez de agua, hasta que se acabe. Sea tu comida un cordero tierno y bebo un bon vino para acompañarla. Harás esto durante siete días y durante este tiempo no debes ir con mujeres, pues es motivo para engendrar mucha esperma e incitar a desear el joder.

²⁵⁰ Para hacer crecer la verga: busca lombrices, de las que hay en los huertos, debajo tierra; cógelas, sécalas, machácalas y mézclalas con aceite de azufaifo. Úntate con esto la verga, frótalo bien y dejálo así durante la noche; al día siguiente lávate con agua tibia. Otra medicina que hace crecer mucho la verga: coge sanguijuelas y ponlas en un pote al fuego, hasta que se sequen; muélelas y mézclalas con aceite de azufaifo. Frótate la verga y verás cómo crecerá mucho.

²⁵¹ Constituição do corpo de alguém; tendência comportamental, inclinação moral, temperamento; humor ou disposição de espírito.

quente e úmida, não devem deixar de fazer sexo, e diz também sobre o sono, os sonhos, a ejaculação durante a noite:

Quando aos dessa compleição lhes sucedem alguma dessas coisas devem seguir usando igualmente de ter relações sexuais, pois nestes que encontram muito prazer em fazer sexo, quando não o praticam lhes ocorrem as seguintes coisas: lhes sobrevém uma grande fraqueza, perdem a força e o sono, lhes treme o coração e lhes vêm outros maus sintomas. E se o deixam também lhes causa dano: de noite sonhando, ejaculam muito.²⁵² (ANONIMOUS, 2000, p. 23)

O remédio indicado pela fonte para os sonhos eróticos e para as poluições noturnas é fazer mais sexo, ao passo que o ideal monacal propunha exatamente o seu inverso: a contenção dos desejos até que eles se extinguissem.

É interessante notar que a obra, apesar de ser um tratado de conselhos destinado aos homens, dá lugar, não só às fantasias e ao deleite masculinos como ao prazer feminino, aconselhando aos seus leitores algumas ações que possam aumentar o prazer da mulher durante o ato sexual:

Remédio para untar o pênis e aumentar o prazer do sexo: toma gengibre e mói-o com mel; isso dá muito prazer a mulher, de maneira que unte o pênis quando tiver relações sexuais.²⁵³ (ANONIMUS, 2000, p. 44)

Em seu texto, o autor indica formas de proporcionar a satisfação sexual, considerando até mesmo formas de contornar a frigidez de algumas mulheres:

à mulher que o desejo e o orgasmo tardam em chegar, que o homem lhe faça cinco coisas: beijá-la, apalpá-la, lambiscá-la, apertá-la e feri-la com as mãos. Tudo isso também deveis fazê-lo às demais mulheres.²⁵⁴ (ANONIMUS, 2000, p.55)

Ao analisar a obra é surpreendente se deparar com o apelo ao sexo, e a ode ao prazer que encontramos. O livro, como vimos apresentando, tem o intuito de facilitar o acesso dos que o lerem ao deleite sexual. Seguindo esse preceito, sua parte final

²⁵² Cuando a los de esta complexión les sucede alguna de estas cosas, deben seguir usando igualmente el joder, pues en éstos que encuentran mucho gusto en el joder, cuando no lo practican les ocurren las siguientes cosas: les sobreviene una gran flaqueza, pierden la fuerza y el sueño, les tiembla el corazón y viénenles otros malos accidentes: Y si lo dejan también les hace daño: de noche, soñando, eyaculan mucho.

²⁵³ Medicina para untar La verga y aumentar el placer Del joder: toma jengibre y muélelo con miel; esto da mucho placer a la mujer, de manera que úntate la verga cuando vayas a joder. Para la misma cosa: toma pimienta común, pimienta larga, espliego, jengibre y almizcle, machácalo junto y mézclalo con miel y cuando vayas a joder úntate con ello la verga.

²⁵⁴ A la mujer que el deseo y el orgasmo le tardan en llegar, que el hombre le haga cinco cosas: besarla, sobarla, pellizcarla, estrecharla y herirla con las manos. Todo esto también debéis hacerlo a las demás mujeres. Debe besarla en la boca, las mejillas, los pechos, las piernas y el vientre. La sobará en la punta del nariz, las mejillas, los pechos, las piernas y el vientre.

compreende um tipo de tutorial sobre as posições sexuais:

[...] as maneiras de ter relações sexuais consistem em: levantar alguns membros e abaixar outros. E isso de duas formas: uma, movendo-se, e outra, estando quietos. Mover-se é abraçar, beijar, apalpar, cantar, beliscar, 'tirar del coño' e do umbigo e outras coisas parecidas. E outra coisa é fazer gestos ou sinais com os olhos, a boca, dizer alguma palavra, se mostrar alegre e incitá-la com todo o que possa, pois rindo-se dos gestos do homem, a mulher se excita, especialmente quando lhe põe uma cara e um sorriso bonitos, e seu rosto demonstra grande alegria.²⁵⁵ (ANONIMUS, 2000, p. 57)

Conclusão

A diferença primordial entre as fontes discutidas aqui é a concepção do sexo, e principalmente de desejo. O desejo carnal é visto como pecado no catolicismo, e no islamismo, por sua vez, tem um lugar estabelecido, tanto na medicina árabe, quanto dentro da própria religião.

Para a Igreja o casamento é santo, prestação de serviço a Deus: um sacramento com a função de procriar e de dar o débito ao cônjuge para que não caia no pecado da luxúria. O Livro das Confissões define o pecado da luxúria e condena a fornicção, assim o sexo apenas por prazer é taxado de pecado mortal e é explícita a desaprovação do “deleite desgovernado”, visto como “*çugidade*”.

Há uma linha muito tênue entre o sexo “pecado mortal” e o sexo “pecado venial”. Essa linha é definida a partir da forma como o leigo lida com o sexo, e a finalidade a que o procura: há uma grande diferença entre procurar a mulher por não conseguir deter seu corpo ou para estabelecer descendência, e procurar a relação sexual pelo deleite que ela pode lhe trazer. Para o “Livro das Confissões”, amar a mulher legítima com “ardor” e luxúria soa aos cristãos como um desrespeito a essa mulher e um descaso com os ordenamentos de Deus, pois o ideal do casamento cristão é o “josefita”, ou seja, puro e casto, sem relações sexuais.

No tratado médico, “*Speculum al Joder*” percebemos uma postura diferente, que não só dá lugar ao prazer como dá lugar ao prazer da mulher e dá dicas de como encadear o desejo em uma mulher frígida, ratificando o cultivar do desejo e do

²⁵⁵ Las maneras de joder consisten en: levantar algunos miembros y bajar otros. Y esto de dos formas: una, moviéndose, y otra, estando quietos. Moverse es abrazar, besar, sobar, cantar, cosas parecidas. Y otra cosa es hacer gestos o señales con los ojos, la boca, decir alguna palabra, mostrarse alegre e incitarla con todo lo que pueda, pues riéndose de los gestos del hombre, la mujer se calienta, especialmente cuando le pone una cara y una sonrisa bonitas y su rostro demuestra gran alegría.

prazer. No Islã medieval apresenta-se a visão de “mulher” atrelada ao sexo, à natureza, bem como no cristianismo. No entanto, ao invés de condenar essa situação, propõe que os homens satisfaçam suas esposas sexualmente, para que assim elas possam ser boas esposas e boas mães. Há um lugar e um sentido para o sexo dentro do Islamismo, o que se contrapõe ao ideal “josefita” cristão.

Sobre a condenação eclesiástica do sexo visando o prazer, é interessante apontar um trecho do “Speculum al joder” onde o autor explicita que há homens que deixaram a prática sexual por *santidade* e enlouqueceram. O livro então *prescreve* a prática sexual aos homens, desaprovando o “deixar de ter relações” por motivos religiosos, o que configura uma diferença básica entre os dois livros.

Ao delimitar o que seria taxado de pecado mortal, o “Livro das Confissões” diz que os usos “desordenados dos membros naturais” e a mudança das “posições naturais do homem e da mulher” configuram pecado mortal, pois usar os membros de forma diferente aponta a tentativa de obter maior deleite. A Igreja também condena o uso dos corpos de forma a impossibilitar a procriação, por exemplo o sexo anal e a masturbação.

O Islã também condena o sexo anal, mas não determina o que seria a relação natural, ou a posição da mulher e do homem, bem como não condena a busca do prazer. Tal fato pode ser exemplificado na parte final do “Speculum al Joder” que contém várias posições de como se praticar o sexo das mais variadas formas, possibilitando um deleite ainda maior.

Assim, há uma diferença muito clara entre o livro de Martin Pérez e o “Speculum al joder”: o livro eclesiástico se opõe ao ato de alimentar a excitação sexual²⁵⁶, o que é estritamente inverso dentro do tratado médico. O “Speculum al Joder” não só traz as já referidas formas de se excitar uma mulher frígida, como apresenta comidas e receitas que aumentem o desejo e o apetite sexual. Martin Pérez cita exatamente que ingerir produtos que aumentem a luxúria apontaria ao confessor que o fiel estaria em busca do prazer e do deleite, configurando pecado mortal.

²⁵⁶ O segundo sinal do intercurso sexual ser um pecado mortal, Martin Pérez diz que é o “*departimento*” de calor natural, havendo pequena ou nenhuma tentação, “pois é quando os casados aumentam o calor e o humor da luxúria ‘*spertando*’ a carne com suas mãos, ou com seus membros ou com ‘*trebelhos*’ ou com outros feios ‘*affazimentos*’” (2012, p. 431).

Ao longo da leitura do Livro das Confissões, é perceptível a forma como a Igreja procura regular e controlar as vivências sexuais do laicato cristão, buscando coibir e reprimir o desejo sexual. O Islã não proíbe a sexualidade e não condena o desejo, mas também regula as vivências sexuais, o que se percebe na proibição do sexo anal e das relações de adultério.

Esse é outro ponto passível de comparação, no qual podemos constatar certa similaridade: Martin Pérez explicita uma gradação no caráter de pecado mortal, argumentando que este é pior ainda entre os adúlteros. O Islã, por sua vez, condena o adultério com pena de morte por apedrejamento. O “Speculum al joder” se abstém de entrar nesse mérito.

Sobre os “tempos proibidos” de ter relações sexuais, citados por Pérez e também por Jérôme Baschet e Flandrin, podemos comparar com os tempos de jejum no Islã, como o mês do Ramadan, no qual os islâmicos devem se abster de comer, beber, fumar e, inclusive, de ter relações sexuais durante o dia. Não chega a ser uma condenação do prazer como no cristianismo, mas é uma forma de regular também a atividade sexual, no que tange ao uso dos corpos em períodos determinados.

As proibições sexuais durante o tempo de fluxo menstrual remontam também ao estigma do sangue e estão presentes nas duas religiões: tanto o cristianismo quanto o islamismo proíbem o ato sexual durante o período menstrual.

Um ponto já tocado ao longo do trabalho são os sonhos e as poluções noturnas. Enquanto o “Livro das Confissões” e o ideal monacal propunham a abstenção de sexo até que esses sonhos parassem de aparecer. Já o “Speculum al joder” orienta que os que apresentarem esse quadro pratiquem sim o sexo, pois o sonho manifesta uma falta, e é preciso buscar o equilíbrio.

Uma citação do “Speculum al joder” explicita que a sexualidade é uma coisa espiritual, normal a todos os animais e sentimentos:

Aconselho ao que experimentou o castigo e suplico ao que guarde os conselhos desse livro, que sua vontade seja firme. Esta vontade é a de praticar o sexo. Conhecer este desejo é uma coisa espiritual que cumprem

todos os animais e alcançam todos os sentimentos.²⁵⁷ (ANÔNIMUS, 2000, p. 45)

Enquanto o sexo é tido como um entrave para a espiritualidade e para o contato com Deus no discurso eclesiástico, dentro da fonte “*Speculum al Joder*” e do Islamismo é tida como integrante da espiritualidade. Essa é a diferença primordial entre as duas religiões no trato ao sexo. Diferença essa que possibilita a produção de um tratado médico com a liberdade que encontramos no “*Speculum al Joder*”.

Entretanto, nem sempre o “*Speculum al joder*” receita e propõe a atividade sexual. Seria errôneo dizer que o livro ou mesmo o Islã medieval propõem uma sexualidade “desregrada”, haja vista serem citados, no início da obra, os malefícios de se praticar o sexo em demasia. Não há a condenação proposta pelo cristianismo, mas há regras e tentativas de regular, a seu modo, a sexualidade. A fonte aqui estudada, por sua vez, traz o discurso médico e, portanto, regula o sexo a partir do corpo e da natureza, visando o equilíbrio. Fala-se dos malefícios naturais de se fazer muito sexo e percebe-se uma regulamentação fundamentada em outra base discursiva, diferente da do pecado e da condenação.

Assim, finaliza-se esse trabalho, pontuando as diferenças entre as duas religiões e ressaltando que as sociedades regulam as práticas sexuais, mesmo inserindo-as ou proscrevendo-as do discurso religioso. Dessa forma, reiteramos que o discurso religioso está atrelado ao processo civilizador, que objetiva distanciar cada vez mais seus fieis do estado de natureza. Ao objetivar esse distanciamento, torna-se preciso que as sociedades e religiões dominem e controlem as práticas sexuais, permitam-nas com ressalvas como no catolicismo ou dêem a elas novas significações, inseridas e regulamentadas dentro do próprio discurso religioso como no Islamismo.

²⁵⁷ Aconsejo al que experimentó el castigo y suplico al que guarde los consejos de este libro, que su voluntad sea firme. Esta voluntad es la de joder. Conocer este deseo es una cosa espiritual que cumplen todos los animais y alcanzan todos los sentimientos.

Referências bibliográficas

ANONIMUS. **Speculum al joder**. Ed. VINCES, Teresa; Barcelona: José J. de Olañeta, 2000.

ALMEIDA, Cybele Crossetti de. Do mosteiro à universidade: considerações sobre uma história social da medicina na Idade Média. **Aedos**: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online), v. 2, p. 36-55, 2009.

ALVES, Rubem. **Dogmatismo e tolerância**. São Paulo: Paulinas, 1982.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**. Do ano mil à colonização da América. Trad. De Marcelo Rede. São Paulo: Globo, 2006.

BRUNDAGE, James A. Ley. **El Sexo Y La Sociedad Cristiana En La Europa**. México: Fondo de cultura econômica, 2001.

BROWN, P. Antiguidade Tardia. In ARIES, P. & DUBY, G. (org.) **História da Vida Privada**. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BOUHDIBA, Abdelwahab. **A sexualidade no Islã**. Trad: Alexandre de Oliveira Torres Carrasco. São Paulo: Globo, 2006.

FOUCAULT, Michel. *O combate da Castidade*. In: ARIES, Philippe, BÉJIN, André. (Org.) Sexualidades ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

DELUMEAU, Jean. **A confissão e o perdão**: a confissão católica séculos XIII a XVIII. Companhia das letras: São Paulo, 1991.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo**: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18). Bauru: EDUSC, 2003.

LE GOFF, Jacques. A Recusa do Prazer. In: **Amor e Sexualidade no Ocidente**. Edição Especial da Revista L'Histoire/Seuil. Porto Alegre: L&PM, 1992. p.150-162.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed.

Campinas: Pontes, 2009.

PÉREZ, Martin. **Livro das Confissões**. Edição de: MACHADO, José B.; MOREIRA, Alberto Torres. Braga: Vercial, 2012.

RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo Reino de Deus**: mulheres, sexualidade e a Igreja católica; tradução Paulo Fróes - 3.ed. – Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1996.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SOARES, Marina Juliana de Oliveira. **Erótica sem véu**: O corpóreo-sexual na sociedade árabe-islâmica clássica (século XII-XIII) Dissertação (mestrado). São Paulo, 2009.

SOUZA, Celia Daniele Moreira de. A sexualidade no Islã clássico através de Nafzawi em “Campos Perfumados” (Séc. XV.). Dossiê Estudos Árabes & Islâmicos. **Litteris**: Rio de Janeiro, 2010.

VENCHI, Mariane. **Cavalcada ao centro da Terra**: rotas para uma erótica árabe e indiana. *Cad. Pagu* [online]. 2012, n.38, pp. 281-308. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n38/n38a10.pdf>. Acesso em: 25/07/2014.